



DIRECTOR  
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

**O SECULO**

DE SANTA  
RITA



Por **AUGUSTO** de SANTA RITA  
Desenhos de A. CASTANÉ



**ARIMILIA**, filha duma modesta costureira, tem dez anos apenas! Mas suas dez primaveras em flôr, irradiam tal luz e exuberância, através dos seus vivos olhos azuis, da sua boca vermelha, do seu sorrizinho de ouro e, emfim, da sua expressão, tão sugestiva e insinuante, que dir-

se-ia haver acumulado na alma e no seu lúcido espírito, todas as primaveras desde que o mundo é mundo.

Profundamente emotiva, dotada de uma rara habilidade manual e dum requintado gosto, passava, por vezes, horas a bordar, a forrar caixinhas com retalhos de cretone ou chita, a desenhar e a cortar lindos moldes ou a fazer brinquedos de pano e serradura, a um canto da casa da costura, no mesmo vão de janela em que a pobre mãe trabalhava o dia inteiro, a fim-de garantir o seu sustento e o da filhinha estremeçada, no belo palacete dos Condes de Montemór de Cima, que a tinham ao seu serviço, ou antes ao da pequenina Ninette, para quem eram os vestinhos lindos que a mãe de Marimília executava.

A pequenina Ninette, que, apesar-dos seus inocentes doze anos, já era um pouquinho orgulhosa da soberania paterna, dos seus pergaminhos de nobreza, dos seus vestidinhos caros e dos seus ricos presentes, brinquedos de toda a espécie, instintivamente senhoril, sabendo já olhar, de soslaio, por cima do ombro pequenino, luxuosamente enfeitado por plissados cabeções ou lindas golas de renda, vinha, às vezes, surpreender Marimília



entregue à sua faina, à execução dum brinquedo tão semelhante, após concluído, aos que estavam à venda nos melhores bazares da terra em que viviam.

Destituída de jeito, uma pontinha de inveja, faiscava no olhar cobiçoso de Ninette, e, então, impelida por seu instinto de emulação e despeito punha-se a desdenhar: — «Os meus bonitos são comprados nas lojas e os teus são feitos por ti com os restos dos meus vestidos e dos meus cha-

(Continua na página 3)

# CURIOSIDADE

■ POR AUGUSTO DE SANTA RITA ■

Desenhos de A. CASTANÉ

**A** pequenina Maria  
— (botão de rosa que abria  
em manhã de Primavera) —  
tinha o sestro de indagar  
a razão de quanto via,  
não só o que era, de que era,  
e para que é que servia.  
Até a avó se aborrecia  
de tanto a ouvir preguntar;  
— (Pudera!) —  
Tanto lhe qu'ria  
e tanta vez não sabia  
responder,  
satisfazer  
a sua curiosidade  
que tinha razão de ser;  
pois traduzia a ansiedade  
de saber.

— «Avózinha o que é aquilo  
que se ouve, à noite, no campo,  
quando está tudo tranqüilo,  
chiando muito?»

— «A voz do grilo.»

— «E a luzinha que, ontem, vi  
a rebrilhar sôbre o tampo  
da cisterna?»

— «Um pirlampo.»

— «Mas porque é que tanto brilha?...»

— «Minha filha,  
que insistência!  
Porque tem fosforescência  
como alguns peixes que, à noite,  
irradiam também luz.»

— «Mas o que é fosforescência?!»

— «E' matéria que reluz  
e se torna incandescência.»

— «E incandescência o que é?»

— «Efeito da combustão...»

— «Ah; (clama Mariazinha)  
insatisfeita, porém,  
sem ter atingido bem,  
já se vê,  
a explicação  
da Avózinha.»

— «E porque é, Avó, porque é  
que a minha cabeça é loira  
como o Sol que doira  
a rua  
e a tua,  
embora não menos bela,  
é branca da côr da lua?!»

— «Porque... porque (então, diz ela,  
algo indecisa) — Porquê?!»  
Porque o astro Sol tem calor,  
tem luz própria, minha filha;  
e a lua, que no céu brilha,  
sem luz própria, meu amor,  
é tal como eu que só vivo  
do teu ar encantador:  
— o meu sol. Eis o motivo!

— «E, ó Avózinha, porque é  
que as tuas mãos são um crivo  
de poros, rugas e engelhas,  
e as minhas são como as louças  
de Sevres ou «biscuit»?!»

— «Porque as minhas já são velhas  
... e as tuas inda são moças!



—«E porque motivo, Avó,  
quando no céu já não arde  
a luz do sol, pela tarde,  
o espaço se enche de pó!?»

—«Essa poeira, menina,  
não é poeira!»

—«Que é?»

—«Tem

por nome névoa ou neblina.  
E nos meus olhos, também,  
podes ver, pois também há!»

—«Mas, Avó, porque será  
que ela se vê? Dize. Anh?!...»

—«Porque em mim é noite já  
e em ti, filha, inda é manhã!

\*

Hoje em dia,  
todavia,  
já não pergunta, Maria,  
o que perguntava outr'ora;



pois agora,  
na su'alma é já *mei-dia*  
e em seus braços faz ó-ó  
nova Aurora!

\*

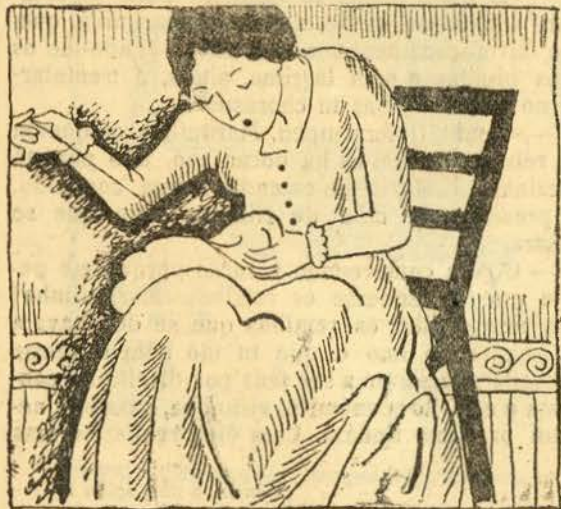
Nasce o Dia, morre o Dia...  
Cinza e pó!  
E qualquer dia, Maria  
vê-se Avó!



## UMA ALMA DE ARTISTA

(Continuado da página 1)

pés. Se não fôsse eu, não os podias fazer!...»  
E outros ditos semelhantes que deixavam Mari-  
mília indiferente, sem tempo a perder com uma  
resposta inútil, toda entregue á beleza e ao prazer  
íntimo e grato da sua realização que era, afinal  
de contas, embora rudimentar, uma das mais belas  
manifestações da sua alminha de Artista.



Certo dia, porém, a invejosa Ninette não poude  
conter refreado por mais tempo o seu despeito.  
Marimília havia concluído uma linda boneca. Com  
um retalho de feltro côr de rosa de um chapéu de  
Ninette, aquela improvisara uma linda cabeça de  
boneca, a cuja extremidade aplicara um pedacinho  
inutilizado de astracão castanha, levemente doira-  
da, formando-lhe a cabeleira, depois de a haver li-  
gado ao respectivo tronco e membros, contorna-  
dos em pano, cozidos à máquina e cheios de ser-  
radura e envolvidos, por fim, em atavios de seda  
fulgurante, organdi e cambraia. Estava linda a bo-  
neca! Com duas contas, sobrelinhadas a ponto de  
retroz preto, fizera-lhe uns lindos olhos expressi-  
vos e, a ponto de retroz vermelho, uma boquinha  
graciosa, que dir-se-ia querer beijar Marimília,  
como agradecimento pela vida aparente que lhe  
dera. Estava linda a boneca! Nem no próprio  
bazar se encontrava uma assim.

A pretexto de que eram seus os retalhos com  
que ela executara a boneca, Ninette reclamou-a:  
—«Ou ma dás imediatamente ou vou dizer à mamã  
que despeça a tua mãe que está a roubar nos os  
restos dos meus vestidos e dos meus chapéus!»

Em face de tão insolente ameaça que, por fe-  
liz acaso, a mãe de Marimília não ouvira — (aliás  
teria sido a própria a despedir-se.) — pois se au-  
sentara por momentos, e confiada em que a mamã  
de Ninette acharia feio o procedimento da filha,  
com as lágrimas nos olhos e apertando a boneca  
contra o seio, como se a defendesse, Marimília, in-

dignada, voltou-lhe apenas: — «Nunca! E' minha e só minha!»

— «Quanto queres por ela?!» — (volveu-lhe, então, orgulhosa e altiva, a má menina, temendo que a mãe lhe não desse razão). — «Dou-te vinte mil réis do meu mealheiro» insistia Ninette, com um sorriso maldoso, certa do seu triunfo.

— «Não vendo!» bradou secamente a Marimília.

— «Dou-te trinta mil réis; o que a tua mãe ganha a esfalçar-se em três dias.

Este último argumento abalou Marimília que, desta vez, sumidamente, vacilantemente, balbuciou: — não vendo!

Certa do seu triunfo, mantendo o seu sorriso diabólico, a Ninette insistia: — Quarenta mil réis! Poderia a tua mãe descansar quatro dias! Anda fraca, coitada! Reflecte!

Profundamente abatida, não teve já ânimo para responder mas conservava, ainda, a bonèquinha apertada contra o seio,

— «Dou-te mesmo cinquenta! O que a tua Mãe ganha em cinco dias! Reflecte.

— «Toma-a!» volveu-lhe, então, Marimília, entregando a boneca, ao mesmo tempo que as lágrimas, aos pares, lhe rolavam nas fâces pálidas pela emoção que sentia.

— «Vês o que faz ser rica?!» — disse, soberbamente, a má Ninette com ar triunfador, entregando-lhe, em troca da boneca, uma nota, novinha, de cinquenta escudos.

Ao recebê-la, as lágrimas secaram-se-lhe instantaneamente, uma ligeira contracção se esboçou em seu rosto, num rictus de amargura, e, altivamente, exclamou:

— «Desconta a importância dos retalhos!»

— «Não vale a pena», balbuciou, confusa, a orgulhosa menina, voltando-lhe as costas, levando a boneca no regaço e deixando-a sòzinha.



Uma nova crise de choro avassalou, então, Marimília, cujos soluços abafava, voltada para a janela, sentindo a aproximação da mãe, a sua querida Mãezinha que se esfalfava a trabalhar, e por cujo amor sacrificara a sua linda boneca, confeccionada por suas próprias mãos!

Seguida pela mãe de Ninette, apareceu, entanto, a mãe de Marimília que junto da janela se sentou, costurando à máquina, sem olhar para a filha que se conservava de costas, voltada para a janela. Ao ver, porém, chegar a Senhora Condessa, Marimília voltou-se bruscamente e, dirigindo-se-lhe, exclamou com manifesta timidez:

— «Senhora Condessa, vende-me êstes retalhinhos para eu fazer uma boneca?!»

— «Não tos vendo, dou-t'os, com muito gôsto» respondeu, rindo e beijando-a, a bôa mãezinha de Ninette.

— «E onde tinhas tu dinheiro para os comprar?» interrogou, então, a mãe de Marimília, que, logo, alvoroçadamente, acrescentou, vendo-lhe os olhos pisados e uma lágrima, ainda, a tremular-lhe no rosto: — «Mas tu choraste?!...»

— «Aqui! (interrompeu, Marimília), cinquenta mil réis... Ganhei-os há bocadinho. São para ti, mãezinha». E Marimília estendia a nota, contando, na presença da mãe de Ninette, tudo que se passara.

— «Agora compreendo a razão porque me pediste que te vendesse os retalhos, Marimília! Não, minha filha; os retalhos que se destinavam ao caixote do lixo e que tu tão bem soubeste aproveitar, passaram a ser teus por direito de conquista e espírito económico, visto que, para nós, nenhum préstimo tinham. Com êles realizaste uma

(Continua na página 7)

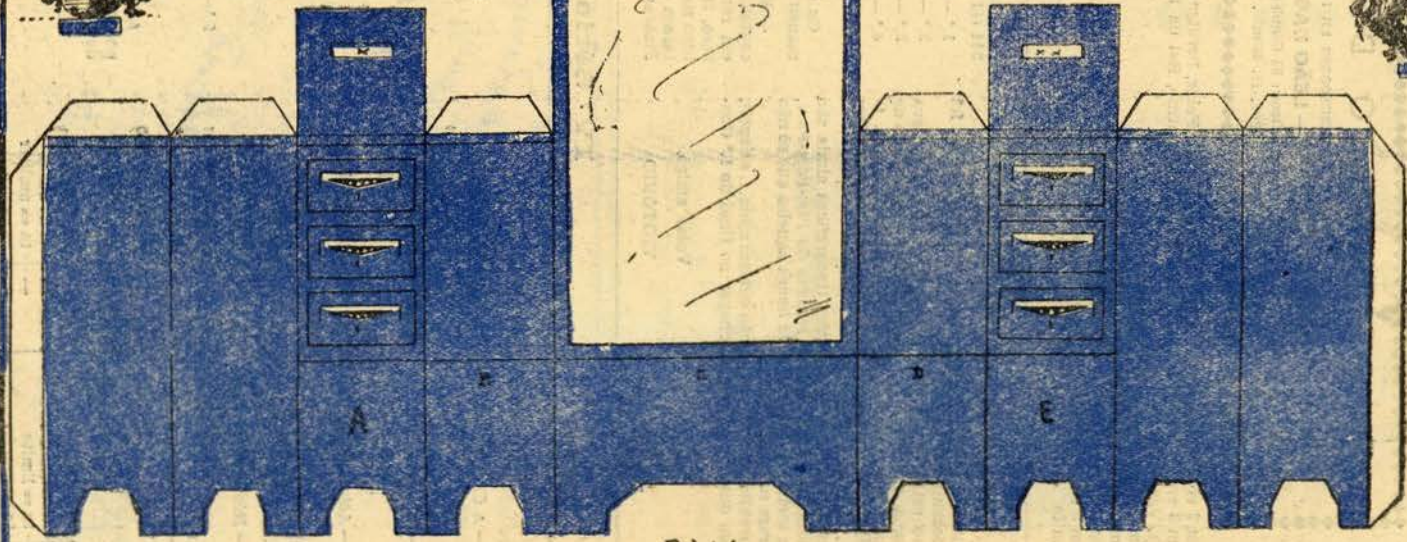
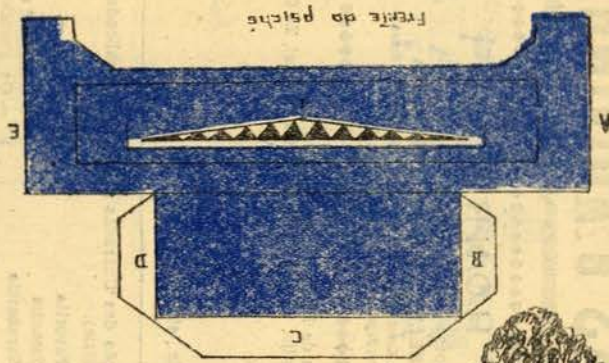
# CONSTRUÇÃO PARA ARMAR

**AM**  
**AM**  
**UM**

Suplento  
Infantil  
do  
"Século"



FOLHA n.º 4



Psiché

FRÉDO  
MILHES

PPPI  
Infantum.

# 1º CONCURSO de CHARADAS e ADIVINHAS

## QUADRO DE HONRA

VENCEDORES EM TODAS:

**EL-GORDO — DOM FAFE — LEÃO DAS SELVAS — JOSÉ HESPANHA**

Erraram apenas nos enigmas tipográficos: El Diabito, Cochico, Zéfiro, Marmelo Verde, Piorra  
Com um erro apenas: N. Joyce, H. Moniz, Perdigota de Entre-Campos, Fakir

Com 2 erros apenas: — M. Verde, Piorra, Zéfiro, Fakir, Perdigota de Entre-Campos.

Com 3 erros apenas: — El-Rei Gomos V, Ber Latino, Rei da Itália, Maria de Lourdes, Eu aqui sei, Zé Quitolas, Bananiz, Vencedor.

Com 4 erros apenas: — Aprendiz.

Com 5 erros apenas: — Olho de Lince.

Com 7 erros apenas: — João de Jesus Correia.

Com 9 erros apenas: — Ildefonso Varela Sancho.

Com todos errados... apenas: — Bia, Victorioso, Cinéfilo, etc., etc., etc.

*at lam uia?*

Meus amigos:

Embora o número dos concorrentes aumentasse, foi muito desanimador o resultado.

Como estão vendo pelo quadro de honra, quem leva a camisola amarela é o valente EL-GORDO seguido de perto por outros não menos perigosos concorrentes. O Zé Quitolas deixou-se ficar para traz com 3 furos ou sejam 3 erros... de palmatória.

Atendendo a que os enigmas tipograficos ainda são muito difíceis para os jovens leitores do Pim-Pam-Pum, ficaram incluídos no Quadro de honra aqueles que só não decifram esses problemas.

Os problemas da 3.ª série não custam nada... e depois, só faltam duas séries para se chegar ao final do 1.º Concurso.

Vosso amigo

TIOTÓNIO

Solução das Charadas e Adivinhas publicadas no n.º 344 (II Série).

- |                      |                             |
|----------------------|-----------------------------|
| 1.ª — Favorita       | 6.ª — Lima                  |
| 2.ª — Carocha        | 7.ª — Perola                |
| 3.ª — Sarabanda      | 8.ª — O Amor é sagaz        |
| 4.ª — Cavalo — calo  | 9.ª — Os grandes após-tolos |
| 5.ª — Cachopa — copa | 10.ª — Problema:            |

Os dois azeiteiros resolveram o problema da seguinte maneira:

— Encheram a bilha de três litros e despejaram o seu conteúdo na de cinco. Repetiram a operação, o que deu em resultado ficar a de cinco cheia e a de três com um litro. Despejaram a de cinco na de oito e deitaram esse litro na primeira. Encheram novamente a de três e juntaram o seu conteúdo ao litro que já estava na de cinco. Ficaram, portanto, quatro litros para cada!

### IV. Série

#### CHARADAS EM FRASE

- 1.ª — A Careca do Lima é o meu martírio. 2—2  
*Rei da Italia*
- 2.ª — Ao chegar ao leito vi esta fera mudar de cor. 2—2  
*Zé*
- 3.ª — Acima de todas as coisas está este vestuário. 2—2  
...

*Abacurário  
emaleão  
sobretudo*

#### ADIVINHAS

- 8.ª — Eu corro sem pernas ter,  
Voo mas azas não tenho,  
Assobio até, sem querer,  
E por toda a parte venho.  
Empurro quem eu quizer  
Mas é tal o meu engenho  
Que quer faça o que fizer  
Parto casas parto lenho,  
Sem nunca ninguém me ver...  
*El-Rei Gomos V*

#### CHARADAS AUMENTATIVAS

- 4.ª — Neste rio há muito boa fructa — 2.  
*Rei da Italia*
- 5.ª — Estamos à vista desta cidade algarvia — 2  
*Toinq*

#### PARA OS MAIS PEQUENINOS

- 9.ª — Qual é o animal que come com as patas?  
*os patos*

#### CHARADAS COMBINADAS

- |                      |                       |
|----------------------|-----------------------|
| 6.ª — + ta = procura | 7.ª — + ta = abertura |
| — + ta = animal      | — + ta = busca        |
| — + ta = limite      | — + ta = mulher       |
| — + ta = porção      | — + ta = liga         |
| Conceito — doce      | Conceito — sugidade   |

As soluções destes problemas, que estarão em nosso poder até às 18 horas do dia 17 de Setembro (sábado), devem ser dirigidas a

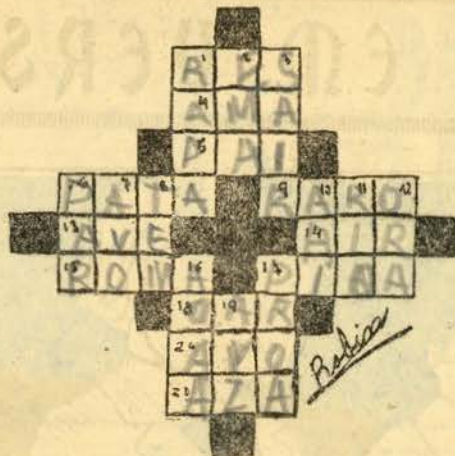
Tio Tónio

Rua do Seculo, 43

LISBOA

\*\*\*

P  
A  
L  
A  
V  
R  
A  
S



C  
R  
U  
S  
A  
D  
A  
S

HORISONTAIS

- 1 — boi, carneiro, etc..
- 4 — mulher que amamenta.
- 5 — filho do meu avô.
- 6 — animal.
- 9 — coisa pouco usual.
- 13 — animal volátil.
- 14 — verbo.
- 15 — cidade italiana.
- 17 — pequeno gorro.
- 18 — verbo.
- 20 — a mão do meu pai.
- 21 — parte do corpo das aves.

VERTICAIS

- 1 — jogo com letras (5, 2, a, p).
- 2 — nome próprio.
- 3 — verbo.
- 6 — Duas coisas da mesma espécie



Que será que a Lili leva á cabeça, que vai tão preocupada?

# UMA ALMA DE ARTISTA

(Continuado da página 4)

pequena obra de Arte, que estavas no direito de usufruir ou vender.

Marimília, de olhos no chão, assás comovida, ouvia, com íntima satisfação e um sorrizinho nos lábios, as boas palavras da Senhora Condessa. Entretanto, Ninette, com a boneca estreitada contra o peito, surgia à porta, e escutava deveras embaçada, o que a Mãe, docemente, proferia.

— «A Ninette ofendeu-te; foi má e vou repreendê-la», prosseguiu a Condessa que, ao vê-la entre portas, a chamou: — Vem cá, Ninette; pede já perdão a Marimília pela ofensiva ameaça que lhe dirigiste e restitue-lhe a boneca.

— «Mas eu comprei-lha, mamã! balbuciou, confusa e humilhada, Ninette, tartamudeando, sumidamente: — «Desculpa!»

— «Embora! Restitue-lhe a boneca». E, como visse Marimília restituir-lhe a nota, acrescentou:

— «Bem; agora torna a dar-lhe o dinheiro como indemnização pelo que a fizeste sofrer. E' a multa que pagas!»

E Ninette retirou-se a chorar.

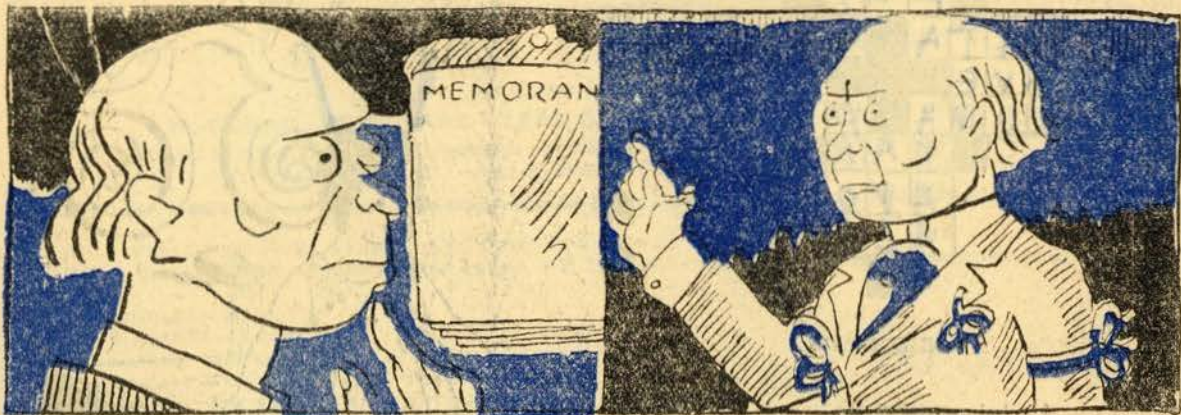
\*

No dia seguinte, de manhã, a mãe de Marimília, acompanhada por esta, voltou ao serviço da Senhora Condessa. Marimília trazia um grande embrulho consigo, que entregou a Ninette, juntamente com um cartão de visita em que ela havia escrito: — *A' sua amiguinha Ninette, oferece — Marimília.*

Ninette desembulhou. Dentro duma comprida caixa de cartão, estava uma linda boneca, inda mais formosa que a da véspera, e que Marimília confeccionara em casa, durante todo o serão.

■ ■ ■ ■ F I M ■ ■ ■ ■

# UMA ANECDOTA EM VERSO



I — O triste herói desta história,  
por baptismo «Zé» Maria,  
tinha tão fraca memória  
que de tudo se esquecia.

II — Ao ir ás ocupações  
ou giros habituais,  
punha as casas dos botões  
sempre cheias de sinais.



III — E um certo dia, ao serão,  
a-fim-de não se esquecer  
de ir ao *Ramiro Leão*,  
fazer compras à mulher,

IV — na casa de jantar, pôs  
as cadeiras sôbre a mēsa.  
— «Vendo-as, assim, — (diz após) —  
não me esqueço, com certeza!»



V — Mas no dia imediato,  
ao chegar para o almôço,  
e ao ver o estranho aparato,  
murmura com alvoroço:

VI — Este meu criado é doudo!...  
Põe as cadeiras no chão,  
sai e esquece se, de todo,  
de ir ao *Ramiro Leão*.